

CAROLINA BORI ... PROPAGADORA DE PRINCÍPIOS E VALORES
QUE DEVEM ORIENTAR AQUELES DEDICADOS À
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA (*)

Anamélia Araújo de Carvalho
Universidade Federal da Bahia

Sua integridade, solidez de princípios éticos, dedicação à difusão da Psicologia como Ciência, marcaram de forma significativa todos aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com você, formando uma rede de expansão da Psicologia, pautada na qualidade do ensino, na relevância da pesquisa, na produção de conhecimento e formação de postura crítica, ética e socialmente contextualizada do profissional psicólogo.

Estes valores estiveram presentes no seu dia a dia, em cada gesto, em cada posicionamento, sem impingi-los ao outro. A segurança e firmeza de suas colocações faziam com que se descortinassem novos horizontes, com o redimensionamento de questões e de argumentos, apontando outros caminhos.

A Carolina – orientadora e formadora de pesquisadores e profissionais ciosos de sua responsabilidade – pode-se dizer que mantinha com seus discípulos uma interação “maieutica”. Através de questionamento, sem deixar transparecer seu ponto de vista, levava o orientando à reflexão e descoberta de alternativas e soluções. O respeito pelo ponto de vista do outro lhe era peculiar o que possibilitava o diálogo entre diferentes orientações teóricas.

No final da década de 60, aconteceu meu primeiro contato com a Carolina quando ela em entendimentos com o Prof. Cavalcanti, Chefe do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba, da qual eu era docente, propuseram a criação do Laboratório de Psicologia Experimental, na referida Faculdade, o qual foi instalado, logo em seguida, pelo Prof. Mário Guidi, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O treinamento de um professor para supervisionar o Laboratório fazia-se necessário. Fui designada pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba para ir a São Paulo, participar de um programa de aprimoramento intensivo no Laboratório de Análise Experimental, do Departamento de Psicologia Experimental, que funcionava no célebre barracão B-10, na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo.

Nessa ocasião, foram abertas as inscrições para o Programa de Mestrado em Psicologia, criado com a implantação de novo regime de pós-graduação.

Eu estava diante da oportunidade de fazer o Mestrado, porém relutava entre esta opção e o retorno à Paraíba. As ponderações da Carolina a respeito das circunstâncias em que se encontrava o projeto de criação do curso de Psicologia na minha Instituição de origem e a possibilidade iminente de cursar o Mestrado, preparando-me para compor o corpo docente do novo curso, contribuíram para elucidar o meu processo de tomada de decisão. Inscrevi-me na área de concentração em Psicologia Experimental e fui aprovada na Seleção.

Ao ingressar no Mestrado tive de início a Carolina como orientadora de curso. No decorrer da pós-graduação, ao definir-me pelo tema da dissertação de Mestrado, passei a ser orientada pela Prof. Maria Amélia Matos, porém continuei, também, tendo a Carolina com orientadora. Posso dizer que passou a ser uma orientadora do percurso acadêmico-profissional.

Esse interesse e essa preocupação pelo outro não se restringiam, apenas, ao período de vinculação ao Programa de Mestrado ou Doutorado; de maneira discreta ela acompanhava a vida acadêmica daqueles que retornaram a sua Instituição de origem e continuavam fazendo parte dessa rede de expansão do ensino da Psicologia.

Os eventos nacionais propiciavam reencontros enriquecedores que alimentavam essa interação orientando-orientador, tão significativa para a vida acadêmica de cada um de nós.

Para mim, a repercussão mais marcante dessa atenção da Carolina pra com seus ex-orientandos foi quando, tendo concluído o Mestrado e retornado à Instituição de origem, estava sem poder atuar na área específica do curso que acabara de concluir, e ela levantou a possibilidade de eu ir supervisionar o Laboratório de Psicologia Experimental do curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia enquanto o Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba não saísse.

Era uma decisão difícil para mim devido a aspectos de ordem familiar e pessoal, porém, na atitude tranqüila que lhe era peculiar, ela destacou igualmente aspectos de ambas as situações, procurando não deixar transparecer sua opinião. Decidi-me por passar um período em Salvador, mas nesse intere alguns acontecimentos fizeram com que eu optasse pela permanência na Universidade Federal da Bahia, desligando-me da Universidade Federal da Paraíba.

A importância da convivência com a Carolina para o Curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, do qual fiz parte do corpo docente de 1973 a 1991, está ressaltada, pelos colegas fundadores do referido curso, Eduardo Saback e Mercedes Cunha, na edição da Revistas USP, cuja temática foi Psicologia e Ciência no Brasil.

A aposentadoria da UFBA, em 1991, não me distanciou desse mundo acadêmico, continuei acompanhando os movimentos em pró do ensino de

Psicologia, participando de algumas Comissões de Avaliação de Condições de Oferta e discussões sobre as Diretrizes Curriculares para a graduação em Psicologia.

Nesse contexto, as considerações da Carolina divulgadas a nível nacional em encontros locais ou regionais, sobre a qualidade dos cursos de Psicologia e os rumos do ensino de Psicologia no Brasil, foram de suma importância para compreensão do que estava ocorrendo na formação do profissional psicólogo.

Posteriormente, em 1998, retornei de forma mais intensiva à vida acadêmica, como coordenador de um curso de Psicologia, para desenvolver e implantar a proposta acadêmica, em um momento de transição entre o antigo Currículo Mínimo e as novas Diretrizes Curriculares alvo de calorosas discussões nessa ocasião.

Foi muito difícil implantar um curso de Psicologia com as Diretrizes Curriculares, ainda, por serem aprovadas, estando o projeto de Resolução sujeito a mudanças resultantes de discussões entre segmentos da profissão.

Ajustes em direção à essência das novas Diretrizes Curriculares precisavam ser feitas na proposta em implantação e o que me valeu foram os questionamentos sobre qualidade do ensino da graduação em Psicologia tantas vezes levantadas pela Carolina em cada encontro com profissionais da Psicologia.

Por último, ter ido ao XI Encontro da ABPMC, em Campinas, foi a oportunidade derradeira de um convívio com a Carolina, nessa dimensão física, para uma troca de idéias, uma reflexão sobre os rumos da Psicologia, pois a partir de agora permanecem os princípios e valores por ela difundidos a orientar nossa atuação profissional.

(*) Texto produzido em fevereiro de 2005.